

O universo da feitiçaria, magia e variantes

Nubia Hanciau

FURG



RESUMO – O texto a seguir apresenta a crítica de vocábulos e conceitos da história da feitiçaria, que reconhece não apenas “uma magia”, “uma bruxaria”, “uma feitiçaria”. Para a compreensão dos atos mágicos, algumas distinções básicas são necessárias, pois se sabe que existirão tantas práticas quantos forem os sistemas culturais e de acordo com as diversas singularidades do mental coletivo. Além disso, novos caminhos apresentam-se ao historiador contemporâneo, que privilegia os estudos dos simbolismos, das representações mentais, da magia, do mito e parentesco, o que o leva a ver com precaução os sistemas gerais de classificação ou as sínteses antropológicas, antes de qualquer retomada conceitual.

Palavras-chave: História da feitiçaria; Sistemas culturais; Mito

ABSTRACT – The following text presents a criticism of terms and concepts from the history of witchcraft, which recognizes not only “magic”, “sorcery”, “witchcraft”. To understand magical acts it is necessary to make a few basic distinctions, as it is known that there will be as many practices as there are cultural systems, and according to the various singularities of the collective mind. Besides, new paths are presented to the contemporary historicist, who privileges the studies of symbolisms, mental representations, magic, myth and kinship, and is thus led to be cautious in relation to general classification systems or anthropological syntheses, before any conceptual undertaking.

Keywords – History of witchcraft; Cultural systems; Myth

Quando se trata da história da feitiçaria e se recorre a distintas sociedades ou coletividades, faz-se necessária a crítica dos vocábulos e conceitos no sentido de evitar confusão entre os sortilégios em geral – magia, bruxaria, feitiçaria – e sua aplicação. É certo que uma interpretação histórica deve rejeitar toda atomização e formalização de noções, combatendo explicações particularizantes ou demasiado gerais, para considerá-las em situação de estruturas mentais e interdependência cultural em que atua o “mental coletivo”.¹ Separações radicais podem tornar-se perigosas, na medida em que os rituais religiosos contêm igualmente ingredientes mágicos.

A bem do rigor histórico é preciso que se diga que não existe “uma magia”, “uma bruxaria”, “uma feitiçaria”, ou outras particulares manifestações das práticas mágicas.

Depois da extraordinária renovação do pensamento científico que caracterizou a segunda metade do século XIX, e da longa maturação epistemológica decorrente, muitos significados alteraram-se. Para compreender os atos mágicos, algumas distinções básicas são necessárias, ainda que sem nenhuma pretensão de validade absoluta, pois existirão tantas práticas quantos forem os sistemas culturais e de acordo com as diversas singularidades do mental coletivo. Além disso, novos caminhos apresentam-se ao historiador contemporâneo, que privilegia os estudos dos simbolismos, das representações mentais, da magia, do mito e do parentesco, o que o leva a ver com precaução os sistemas gerais de classificação ou as sínteses antropológicas, antes de qualquer retomada conceitual.

A linguagem, mola mestra da cultura, é o elemento básico para a investigação da episteme de um determinado grupo, localizado no tempo e no espaço. Ela constitui-se em meio fundamental para a percepção psico-histórica, conforme já apontara Lucien Febvre (o historiador das mentalidades). Febvre define a linguagem escrita como

¹ Expressão utilizada por Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, *Em busca dos conceitos: magia*, 1991, p. 10-25. Jacques Le Goff também fala de “mental singular” e “plural”, tendo em vista que coexistem inúmeras mentalidades em uma mesma época em um mesmo indivíduo. É a face da história que muda lentamente. A expressão “mental coletivo”, que parece redundante, tem a ver com a utilização feita para designar o psiquismo coletivo o modo particular de pensar de um povo ou de um grupo de pessoas em uma determinada época. Cf. Philippe Ariès, *A história das mentalidades*, in: LE GOFF, 1998, p. 153-176.

o principal modo de expressão do campo perceptual de uma comunidade.² A literatura captará essa linguagem nos documentos e papéis, vestígios (*traces*) que fixam a ortodoxia cristã e nos quais podem ser encontradas as pegadas do universo mágico. Lembranças de lugares-comuns e todo um manancial das mais diversas manifestações culturais, seus restos e tempos reunidos em coerências mentais, constituem o “mental coletivo” de que se fala, no qual devem ser buscadas as continuidades, as perdas, as rupturas, enfim, a reprodução mental das sociedades.

Embora apareçam como práticas interpenetradas e, em certo sentido, confundidas, resta tentar esclarecer as especificidades das personagens ligadas às diferentes práticas mágicas, visando maior adequação à realidade histórica no Ocidente cristão. Bruxos, feiticeiros, magos propriamente ditos e padres com função mágica, entre outras distinções que dificultam a compreensão, estão entre tantos nomes existentes para identificar as profissões ocultas. Mesmo que, desde a Bíblia, os textos antigos falem em Cam, o filho maldito de Noé, fundador de uma raça de mágicos idólatras, a nítida distinção entre as práticas mágicas não é encontrada em nenhum manual de feitiçaria. São registradas apenas nuances nos livros dos teólogos, que fazem a diferença superficial entre “magia branca” ou “negra”, um saber “um pouco mau” ou um saber “muito mau”.³ De origem divina – “só Deus ensina os grandes segredos” –, a magia não é forçosamente boa. Há registros de invocações terríveis, sulfurosas e até mortais, logo seu emprego ser quase sempre negativo ou discutível. Na verdade, a magia, sobretudo em sua forma popular, nunca é completamente branca, pois fazer o bem a alguns por meio de determinados métodos pode, em contrapartida, significar fazer o mal a outros... Também não é completamente negra, pois se fosse francamente diabólica ou assim se apresentasse, não teria reunido padres, adeptos de uma pequena mágica/feitiçaria inocente, à qual se convertiam para fazer o bem. É interessante salientar que, ao pronunciar alguns encantamentos para vencer a esterilidade feminina ou curar pequenos problemas, esses religiosos, movidos por bons propósitos, redobravam os sinais da cruz com o intuito de reforçar a fé.

Embora obscura ao designar o pior e o melhor, a palavra magia, quando empregada nos livros eruditos pelos autores cristãos da Idade Média, referia conhecimentos superiores que possibilitavam conhecer as grandes leis do universo ou a cura pelas plantas (*magia naturalis*). A menos nobre, a pequena magia de não-mestres (em francês *sorcellerie*), defendida pela Igreja, utilizava o saber e previa o futuro com fins “pouco elevados”.⁴

Palavra de origem iraniana, incorporada pelo grego (*mageia*), a magia era utilizada para exprimir uma forma especial de relação com o sobrenatural. Em seu livro *La sorcellerie*, Jean Palou, um dos pioneiros a estudar

o assunto na contemporaneidade, define a magia como a arte de comandar as forças do mal.⁵ A feitiçaria, a de tentar comandá-las. Iniciado nos grandes mistérios, além de mestre o mago era considerado um homem de ciência, enquanto o feiticeiro, um aprendiz das aldeias, conhecedor apenas dos pequenos mistérios. Em consequência, a magia aparece em muitas obras de referência como arte ou pré-ciência, entre as formulações avançadas. No mago haveria conhecimento real; no feiticeiro, vulgarização.

Entretanto, se o mágico ou mago arriscava apenas a alma aos olhos dos crentes, protegido que era pelos grandes que o consultavam e em cuja corte vivia, o feiticeiro arriscava a alma e a vida, pois era sobre ele que se acumulavam ódios e invejas dos irmãos de miséria. Esta concepção de Palou antecipa em trinta anos os conceitos de Guy Bechtel (1997/2000), para quem ninguém define exatamente onde termina a magia ou começa a feitiçaria. Ao confrontar o feiticeiro com o mágico, esse historiador reforça em muitos aspectos a interpretação de Palou, acrescentando, porém, ao feiticeiro, a função de subalterno, imitador diante de seu modelo, um algebrista face ao médico, um empírico frente ao cientista. Sendo mestre, o mágico é iniciado nos grandes mistérios. Nesta medida, a magia será *a ciência dos que sabem e a feitiçaria a aproximação dos que gostariam de saber*.⁶ Talvez esteja aqui a distinção capital feita por esses estudiosos, sem esquecer, contudo, que a magia era para ambos uma concepção de mundo, uma visão esclarecida, extralúcida, ao considerarem o universo suscetível de modificações por outros meios que não os materiais.

Ao distinguir a magia antiga da que se tornará diabólica, é importante observar que nem o mago, nem a feiticeira eram inicialmente serviçais do Diabo, apenas

² FEBVRE, 1953, p.211.

³ No Brasil, a umbanda é considerada a “magia branca”; a “magia negra”, praticada com maus propósitos é ainda denominada, dependendo da circunstância, bruxaria (tida como sinônimo de feitiço, feitiçaria, sortilégio) ou necromancia ou nigromancia (adivinhação pela invocação dos espíritos). Já a “magia simpática” é a que pretende ter ação sobre pessoa ou objeto distante, do qual se detém uma parte. Cf. *Novo Aurélio*, 1999, p. 1254.

⁴ Doutrina dos magos para o dicionário, a magia é considerada a arte ou ciência oculta para produzir – por meio de atos, palavras e por interferência de espíritos, gênios e demônios – efeitos e fenômenos extraordinários, contrários às leis naturais. Na antropologia, designa o conjunto de saberes, crenças e práticas, relativamente institucionalizados dentro de um grupo social, que respondem à necessidade de manipular certas forças impessoais ou indecifráveis, manifestas na natureza, na sociedade ou nos indivíduos. Os gregos distinguiam três grandes categorias mágicas em sua origem: o taumaturgo (de *thaumatourgós*), curandeiro que fazia milagres, intérprete dos sonhos, enviado pelos deuses; o *goês* (que vem de lamentações, imprecações), também chamado mestre do fogo e do voo mágico, altamente suspeito por manipular a ilusão e praticar uma espécie de magia com a qual evocava os espíritos malignos. Técnico do êxtase, de quem Cassandra (profetisa detentora do “êxtase e do entusiasmo”) é a encarnação feminina, o *goês* era um inspirado, primo do misterioso xamã oriental. Por último, abaixo nessa hierarquia, o *pharmakos*, apocário dos filtros, das drogas e dos venenos. BECHTEL, 1997, em capítulo intitulado “L’éternel maléfice”, p. 13-54.

⁵ PALOU, 1995, p. 8-17.

⁶ Cf. BECHTEL, 1997, p. 50.

comandavam os espíritos. A magia dominante dos primeiros séculos da era cristã apaga-se cada vez mais ante a feitiçaria vulgar encontrada nos bairros mais pobres. As superstições medíocres ascendem das classes inferiores às superiores; os filtros, as drogas, os preparados e as poções mágicas tomam cada vez maior espaço nos níveis mais elevados da sociedade. Nessa evolução, uma figura estereotipada anuncia a feiticeira medieval, a *strige* (*strige*, *stix*, *stria*, *striga*), mulher que voava à noite para frequentar reuniões, desencadear ventos, tempestades e fabricar unguentos e venenos. Do *magus* passa-se ao *maleficus* (feiticeiro) e de modo cada vez mais célere à *maléfica* (feiticeira).

Volta às origens

As populações primitivas da Europa, como as dos outros continentes, conheciam os charmes ou a feitiçaria [...] mas o essencial da nova demonolatria – o pacto com Satã, o sabá das feiticeiras, as relações carnisais com os demônios, etc. – assim como a estrutura sistemática e hierarquizada do reino diabólico, são criações que datam do fim da Idade Média.

H. R. TREVOR-ROPER

Foi somente no século XIII, a partir da alta Idade Média, quando o mágico se torna cidadão, que se tomou consciência do encantamento geral na Europa, seus consequentes desmembramentos e suas designações. Pelas práticas o mágico perpetuou a tradição das antigas religiões – cultos de druidas ou pagãos –, gerando um problema de “estratégia cristã”, pois o processo de superposição do cristianismo ao paganismo levou implicações para a coletividade. Ao combater o paganismo com o objetivo de catequizar os fiéis e tirar sua força, os primeiros teólogos o negaram, pretendendo mostrar que as antigas tradições estavam superadas pela emergência da fé cristã. Além da purificação e consagração dos antigos locais de culto, os eclesiásticos conferiram um sentido cristão aos ritos tradicionais dos druidas ou pagãos. Assim, de um lado o sistema evangelizador atenuou o trauma cultural da conversão; do outro, sob a cobertura e tolerância da autoridade da Igreja, era favorecida a permanência dos antigos costumes e das crenças (superstições), que se assemelhavam às tradições mágicas da Antiguidade clássica e exigiam meios para erradicá-los, inexistentes até então.

O processo de desvalorização do mundo mágico transforma-se e renova-se a partir do século XII, quando se dá o contato com os livros árabes de ocultismo e a recuperação dos textos gregos, que modificam o panorama europeu e resgatam o pensamento pagão intocado pelo cristianismo. Estudos de alquimia e astrologia colocam em segundo plano a participação demoníaca da magia

e lançam as bases da magia natural, fundamentada em virtudes ocultas e experiências de difícil acesso, opostas às práticas medievais e diabólicas. É o tempo dos rígidos princípios éticos, das forças naturais, imateriais, oriundas da tradição hebraica, a *Kabbalah*,⁷ em que fórmulas e ritos eruditos transformam os indivíduos em criadores e manipuladores do universo. A “arte mágica” chega ao Renascimento apresentando nova estrutura, que abandona os critérios pragmáticos. Sem perder totalmente a qualificação demoníaca atribuída pela ortodoxia cristã, ela ascende à categoria de atividade erudita, celebrada e incluída em um cânone separado das demais práticas diabólicas.

Arte encantatória, a magia inclui o conhecimento dos grandes princípios que regem o universo, a certeza de que os elementos podem ser movidos pelo pensamento, por uma operação cognitiva, um trabalho interior de espírito e força. Assim como o universo poderia ser modificado, modificados também poderiam ser os acontecimentos, as doenças, o tempo e o destino, primeira pretensão dos profissionais do futuro. Embora se encontrem infinitas diferenças na concepção do mundo e nas mentalidades dos pensadores, sábios, médicos e teólogos, prevalece uma espécie de platonismo vulgar, que acreditava em um universo instável, impenetrável, pleno de mistérios. É o novo historiador, na sua reticência ao progresso e à modernidade e em sua paixão pelo estudo das sociedades pré-industriais, quem faz a ponte entre o presente e o passado para evocar a crença comum nos quatro elementos em equilíbrio, configuradores do universo e responsáveis pela mudança da vida das coisas, dos animais e dos homens.

Esses equilíbrios, o fogo, o ar, a água e a terra, sem esquecer o equilíbrio dos contrários, calor/frio, seco/úmido, associados ao princípio de simpatia/antipatia, causam a atração ou a repulsa neste *continuum* instável do planeta, que abriu um dia o caminho a todos os magos e feiticeiros. O último deles, o dos quatro humores no corpo humano – o sangue, as duas biles (amarela e negra) e a fleuma – foi considerado responsável pelo desempenho de vários papéis determinantes do temperamento sanguíneo, colérico, melancólico ou fleumático. Um dos humores sobrepondo-se nitidamente aos demais, as perturbações insurgiam-se; estabilizando-os, o médico poderia trabalhar a saúde, e o feiticeiro, provocar a doença. Tudo se move por uma questão de equilíbrio/desequilíbrio. Essa era a ideia de saúde na medicina hipocrática, mantida no mínimo até o século XVI. Permanece-se no teor de esquemas filosóficos, em que a ação mágica (superior) ou feiticeira (inferior) torna-se possível em função da situação do mundo.

⁷ Originária do hebraico, a *kabbalah* (=tradição) designa os movimentos místicos e esotéricos europeus do século XII em diante. RIFFARD, 1987, p. 73.

O complexo universo dos neoplatônicos

A natureza, segundo os neoplatônicos, estava provavelmente povoada por “demônios” e animada por forças “mágicas”, que agiam conforme as leis da afinidade e da repulsão. Isto não excluía a existência das “feiticeiras”, criaturas que, por meios ocultos, esforçavam-se em curto-circuitar ou transformar o curso das coisas.

H. R. TREVOR-ROPER

A Europa dos séculos XV e XVI viu despontar o desejo de um novo mundo, não apenas geográfico, mas interior, um universo infinito, mesmo que se apresentasse cada vez mais finito. Esse mundo é o dos filósofos neoplatônicos, pensadores que se sentiam atraídos pelas letras, pelas filosofias antigas e pelo amor à Antiguidade pagã, menos desaparecida do que se poderia supor, subjacente durante toda a Idade Média.

Entre os que animaram esta corrente de retorno ao passado estão Marsile Ficin (1433-1499), o nome mais importante da filosofia neoplatônica; Picco de la Mirândola (1463-1494) e Paracelso (1493-1543), considerado o pai da medicina moderna. Evidentemente todos eles leram Platão (428-347 a.C.) através de seu discípulo Plotin (203-270) ou com a ajuda de comentários posteriores à Idade helenística.⁸ Pode-se dizer que o neoplatonismo está para o verdadeiro platonismo assim como o neogótico do século XIX, com Walter Scott ou Viollet-le-Duc, está para o gótico da Idade Média: uma re/criação quase completa ou acentuação tardia de alguns aspectos isolados da época, voluntariamente exagerados. Para Ficin e Mirândola, o conhecimento só poderia ser esotérico, escondido, secreto, elitista, um saber acessível a poucos, afastado do ideal de Sócrates e de Platão.

Para esses filósofos, o Cristianismo havia injustamente eliminado os grandes pensadores do passado. Com o Renascimento, surge o desejo de melhor conhecer esse fundo antigo pagão, de reconstruir o patrimônio e redescobrir suas obras-primas. É o que farão os neoplatônicos, buscando equilibrar a limitação externa com maior liberdade interna, sonhando, por volta dos anos 1500, com um mundo mais amplo e complexo. Não havia nenhuma razão para valorizar ideias simples e claras, das quais se tivera justamente indigestão com a escolástica.⁹

Embora não se resuma facilmente um pensamento essencialmente complexo, universal e alusivo, dada sua influência nas “mentalidades” da época e a relevância neste enfoque, são pertinentes algumas palavras sobre o neoplatonismo, seus seguidores e suas relações com a magia. Ilustrados, preocupados com o pensamento original (mas longe do vulgar), animados de imenso entusiasmo, em sua maioria os neoplatônicos estavam

[...] sempre prontos a pensar de maneira exuberante, buscando antes de mais nada se caracterizarem por uma etiqueta espiritual particular, por um saber absconso; eram mais estranhos do que perigosos, às vezes até um pouco ridículos, numa espécie de pedantismo extravagante e antigo. Como houve mais tarde preciosos e preciosas literatos, eles foram preciosos filósofos *avant la lettre*.¹⁰

A busca essencial de alguns (entre eles Ficin, Mirândola, Paracelso) consistia em tentar reencontrar o fundo misterioso da natureza humana, apreender os objetivos e os fins de tudo o que estivesse vivo, para restituir ao universo sua verdade primitiva e rica, inserindo o homem em uma escala de seres assim ordenada: no alto os espíritos angelicais; no centro as almas racionais; embaixo, a matéria, colocada em forma ou totalmente informal.

Acreditando-se superiores aos feiticeiros, os filósofos do Renascimento apostavam no homem, em seus imensos poderes, encontrados nos objetos terrestres, dos quais se apropriavam através da alta magia. Propunham uma magia sábia, que abria a porta a todos os campos do saber, às causas secundárias, às entidades intermediárias, à Natureza, seus diversos níveis de realidade, suas relações com o mundo divino e angelical, aspectos abandonados pela Igreja, influenciada pela escolástica (sobretudo o aristotelismo). Ao acentuar os traços esotéricos¹¹ da obra de Platão, os neoplatônicos apaixonaram-se pelos demônios, espíritos intermediários entre Deus e os homens. Para eles o universo estava constantemente sob influência, irrigado por radiações universais, benéficas ou malélicas, produzidas pelo sol, estrelas, deuses, seres e elementos terrestres.

⁸ BECHTEL, 1997 e 2000.

⁹ Conjunto de doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média dos séculos IX ao XVII, notadamente caracterizadas pelas questões da relação entre a fé e a razão. Estes ensinamentos, em escolas filosóficas da Antiguidade grega eram reservados aos discípulos completamente instruídos. Desenvolveram-se na escolástica inúmeros sistemas que se definem, do ponto de vista estritamente filosófico, pela posição adotada quanto ao problema dos universais, dos quais se destacam os sistemas de Santo Anselmo (anselmiano), de São Tomás (tomismo) e de Guilherme de Ockham (okhamismo). *Novo Aurélio*, p. 797.

¹⁰ BECHTEL, 1997, p. 209.

¹¹ Doutrina ou atitude de espírito, que preconiza o ensinamento da verdade (científica, filosófica ou religiosa). Como a escolástica, o esoterismo é reservado a um número restrito de iniciados, escolhidos pela sua inteligência ou pelo valor moral. Com influências religiosas orientais e das ciências ocultas, associadas a técnicas terapêuticas, o esoterismo mobiliza supostamente energias não-integrantes da ciência, que visam iniciar os indivíduos no caminho do autoconhecimento, da paz espiritual, da sabedoria, da saúde e da imortalidade. RIFFARD, 1997, p. 153-158. Embora a palavra “esoterismo” (de *eso-thodos*, método ou caminho em direção do interior) tenha tardado a surgir na Europa (fim do século XIX), a noção de esoterismo conheceu fortuna crítica singular por ter retomado da rica e complexa herança da Antiguidade e da Idade Média, o que era chamado de *philosophia occulta* e *philosophia perennis*. Os trabalhos de Antoine Faivre, historiador da École Pratique des Hautes Études, de Paris, contribuíram para o conhecimento desse pensamento multiforme, uma das expressões características do imaginário ocidental na aurora dos tempos modernos. O “interiorismo” do esoterismo passa por uma gnose, para atingir uma forma de iluminação e de salvação individuais. FAIVRE, 1996, t. 1-2.

Os discípulos aristocráticos de Platão viam a necessidade de elevarem-se a um estado segundo, um estado de entusiasmo¹² no sentido etimológico, alcançado graças a esses demônios semidivinos. Invocando tais intermediários seria possível comunicar-se com as grandes verdades do mundo, captar as forças por votos, fórmulas e encantamentos. Assim, o homem instruído poderia ter êxito em tudo o que pretendiam as supostas feiticeiras: transportar objetos, fazer pessoas e animais adoecerem, enfeitiçar, decidir sobre a seca e as chuvas. Mesmo propondo objetivos nobres, o neoplatonismo não era tão inocente nem tão católico quanto pretendia ser. Ao estudar as forças obscuras, esses brilhantes espíritos queriam um antídoto a Aristóteles, para eles excessivamente clássico e racional. Estavam cansados de sua lógica muito lógica, almejavam um sopro de ar fresco que arejasse a atmosfera confinada do pensamento cristão na aurora dos tempos modernos.

Para encontrar a unidade original do universo não bastaria simplificá-lo com algumas concepções inadequadas; ao contrário, seria necessário conceber a multiplicidade do todo, “complexificar”. O mundo falava; os astros, por sua vez, viviam e falavam, deixando escapar mensagens carregadas de sentido. Simpatias ou antipatias ligavam as coisas entre si, estas aos elementos, estes aos planetas e, finalmente, tudo a tudo. O remédio estava próximo da dor, as soluções dos problemas. Nesse sistema de união entre o céu e a terra, a astrologia apresentava-se como necessidade, parte da filosofia, seu coração e sua metafísica. Sem ela nada seria compreendido.

Princípios e valores populares e eruditos

[...] resumindo a sua essência, toda a magia consiste apenas em esperar; a seguir atribuir-se o que vem...; e sempre vem alguma coisa...

GUY BECHTEL

Foi nessa época que a crença ativa no sobrenatural e a prática de receitas mágicas apresentaram-se de forma generalizada entre o povo. Paradoxalmente, mesmo as receitas com caráter “oral” e destinadas a analfabetos circulavam através de livros ou coletâneas, que produziam efeitos ora positivos, ora negativos na vida cotidiana. Insubstituíveis fontes de informação, esses livros embora não tenham sido escritos por magos ou feiticeiros, o foram por testemunhas de sua ação, sendo mais eficazes e úteis que as divagações dos meios ilustrados, na medida em que representavam as esperanças mágicas da população e do seu tempo.¹³

O que dizer, ou o que se sabe dessa magia/feitiçaria popular? O próprio termo duplo já denota embarço. É magia quando acredita na existência de um mundo

estruturado, onde os espíritos poderiam agir. Pouco teórica, conserva fragmentos do conhecimento divino. Nem branca nem negra, também não é feitiçaria no sentido diabólico e habitual, uma vez que o Diabo nela pouco aparece. Pretende apenas o bem, mas está claro, pelo conteúdo das receitas propostas, que está apta a fazer o mal. O que se ensina nos meios populares fundamenta-se na relação dos dois mundos: o microcosmo do corpo humano e o macrocosmo do universo, supostos reagirem um ao outro. Mas, como nenhum fundamento teórico é expresso, as receitas apóiam-se em dois princípios de base simplista conforme a versão popular: o **princípio da imitação** e o **princípio do contágio**.

O **princípio da imitação** ou de semelhança supõe que “todo semelhante atrai seu semelhante”, o que significa uma ação por vias ditas homeopáticas. Este sistema terapêutico consiste em tratar os doentes com a ajuda de agentes que dispõem de afecção análoga àquela que se quer combater. Na medicina, celebram-se os medicamentos que se assemelham ao órgão a ser tratado, quer pela cor, quer pela forma, e as plantas que contêm o que os cientistas magos chamavam de “assinatura”. Assim, são curadas as doenças dos testículos (ou aumentada a dor desses órgãos) por meio de qualquer planta com bulbo (que tenha forma aproximada). Para fazer uma pessoa sofrer do coração é feita uma boneca tão parecida a ela quanto possível; espeta-se a figura na região do coração. O princípio de semelhança possui sua variante inversa, que é o princípio do contraste (do calor nasce o frio; do seco, o úmido).

O **princípio do contato** ou do **contágio** afirma que, ao se tocarem, as forças passam de uma situação a outra (para atingir alguém, seria preciso tocá-lo/a ou, pelo menos, tocar algo de sua proveniência). Dessa forma, com relação à boneca destinada aos encantamentos, para que

¹² Do grego *enthousiasmós*, “êxtase”. Na Antiguidade, exaltação daqueles que estavam sob inspiração divina, as sibilas, entre outros. *Novo Aurélio*, p. 774.

¹³ Os *Canards*, fascículos populares abundantemente difundidos, anunciavam a aparição de cometas, contavam sobre acontecimentos, sempre relacionando a realidade terrestre insólita e fenômenos astronômicos. Fonte para conhecer a magia-feitiçaria, além dessas publicações populares, assinala-se, na baixa Idade Média, o sermão de Santo Elói (por volta de 650), o *Indiculus superstitionum* no século VIII. Os escritos de Gautier Map, Guillaume d’Auvergne ou Bernard Gui (séculos XII-XIV) pretendiam relatar as superstições dos pagãos ou dos heréticos, porém sem recomendá-los. Foi o *Malleus maleficarum* (redigido em 1484), em sua perfídia e infâmia, a obra que relacionou os malefícios atribuídos às feiticeiras que mais as detratou. Os grandes manuais de receitas aparecem somente nos séculos XVII e XVIII. *Les clavicles de Salomon, La poule noire* e as versões apócrifas do *Grand Albert*, entre outros, formam um conjunto importante na livreria de *colportage*. Sobre a eterna magia, que explode nas livrarias na época do triunfo da razão, sua raiz encontra-se em seis coletâneas de receitas cuja redação se situa entre os séculos XIII e XVI, embora com fortuna crítica tardia. São eles: o *Picatrix*, o *Livre d’Honorius*, *L’Évangile des quenouilles*, obra mágica atribuída a Albert le Grand, o *Propos rustiques*, de Noël du Fail e, enfim, a *Philosophie occulte*, de Henri-Corneille Agrippa, publicado em 1531, a mais completa coletânea de práticas de feitiçaria sem diabolismo. BECHTEL, 1997, p. 233-241.

ela represente exatamente a pessoa desejada, a semelhança não basta; é preciso ainda tê-la “personalizado” pelo acréscimo de algum elemento que pertença à vítima designada: um pedaço de unha, cabelo, pêlo ou um pedaço de suas roupas. Esses princípios são revelados por autores que colocam lado a lado efeitos positivos (curar, apaixonar-se), efeitos negativos (fazer adoecer, impedir o amor) e efeitos de premonição. Nestes casos, uma mulher grávida que come a cabeça de uma lebre pode dar à luz uma criança com cabeça de coelho. Presentear com uma faca “corta” o amor. O gato prenuncia a chuva quando passa a pata atrás da orelha. Todas, credences populares, entre tantas ouvidas ontem e hoje... A história da medicina está repleta de casos semelhantes. Durante o último milênio *acreditou-se que purgantes ou lavagens intestinais (o clister) tinham o poder de “limpar” o organismo, livrando-o de suas impurezas*. Frequentemente, porém, o paciente piorava, debilitado pela diarreia que lhe sugava líquido e sais minerais. Por que então as pessoas tinham tanta fé na purga? Ai é preciso lembrar o significado simbólico da evacuação. Purgar é redimir-se: a alma purga-se na penitência. Ao folclore brasileiro não faltam procedimentos mágicos. No interior do Ceará a doença mental é tratada dando-se ao paciente um pombo cozido em uma panela de barro não-usada. Em muitos lugares cura-se a embriaguez dando ao ébrio caldo de coruja. Câncer: chá de couro de jacaré ou suco de caranguejo pilado. Criança que não consegue urinar? Chá de asas de grilo. Paralisia? Aplicações de caldo de carne nas pernas. Na Paraíba, afecções dos olhos são supostamente curadas com colírio feito de ossos de camaleão. Diz-se que o estrume de coelho resolve qualquer conjuntivite.¹⁴

Ao discorrer sobre o valor das ciências antigas no domínio da magia, quando o subjetivismo reinava, parece útil distinguir o **valor em si (valor teórico)** do **valor ressentido (valor empírico)**, o primeiro correspondendo ao valor contestável de um conhecimento, desenvolvido pelo pensamento científico e estabelecido por um trabalho racional (a mecânica de Galileu ou a dióptrica de Descartes). O **valor ressentido** corresponde ao valor empírico, ligado ao emprego de práticas mágicas, tão real quanto o **valor em si**, compartilhado por populações inteiras, sincrônico, não-reconhecido hoje, na diacronia. Designa o valor pragmático, de uso experimentado pelas pessoas ou por um círculo próximo, em oposição ao valor científico. Essa diferenciação estabelecida e aplicada às ciências secretas permite ver que a magia ou a feitiçaria possuem uma boa dose de **valor ressentido**, com fraco ou nulo **valor teórico**, demonstrado cientificamente.

No que diz respeito à astrologia, seu **valor em si** foi quase nulo, insustentável do ponto de vista diacrônico. Não são muitos os que acreditam que o destino de uma

pessoa – e o de todas aquelas que nascem na mesma hora, sob um mesmo meridiano – pode ser determinado pela longínqua posição dos planetas no céu. Ao fazer o processo científico da medicina astrológica, das diversas formas de adivinhação e das invocações celestes ou diabólicas, os defensores do **valor em si** nas ciências secretas do Renascimento combateram a favor do assunto, mas seus argumentos não eram consistentes. É provável que o astrólogo tenha sido útil e tenha possibilitado progressos em sua área, mas seu conhecimento dos astros circulou naquela época em outro sentido, muito mais “pilhando” do que reforçando os conhecimentos astronômicos.

No que concerne à alquimia, que se ocupava principalmente da transmutação das almas, não está cientificamente comprovado se contribuiu efetivamente para o progresso da sabedoria. Acredita-se que seus adeptos tenham utilizado alguns medicamentos químicos na procura do elixir da longa vida, da pedra filosofal ou de novas moléculas. Embora o terreno da alquimia seja mais sólido do que o da astrologia, e tenha interessado personalidades (Leibniz e Newton, que, certamente por prudência, nada publicaram sobre o assunto), os progressos conseguidos têm pouco peso e seu **valor em si** ou **teórico** é discutível. Além disso, a profissão de alquimista estava minada por grande número de impostores (Gilles de Rais e acólitos), denunciados na época, o que induz à conclusão de que astrologia e alquimia pouco ajudaram no desenvolvimento das ciências positivas.

Entre medicina acadêmica (regular e verdadeira) e medicina mágica (irregular), a diferença era mínima na época. Ambas misturavam produtos inativos, venenos e bons votos, o que não impediu os médicos, sem medicamentos com validade hoje, de aliviar milhares de doentes. Poderiam ser chamados de charlatões? Por que seria diferente para os magos e sua medicina astrológica e alquímica tão semelhante? Não há dúvida de que a oração, assim como o pó de pirlimpimpim, foram responsáveis por curas excelentes e produziram inúmeros efeitos benéficos.

Mesmo sem relação de causa e efeito, muitos encontraram suas chaves e saídas graças a Santo Antônio; outros tantos devem a inumeráveis santos a conquista de milagres (seus filhos de volta da guerra ou curados de doenças consideradas incuráveis). Milhões de pessoas morreram mais felizes, aliviadas dos seus pecados depois de terem confessado e terem sido absolvidas, o que lhes trouxe enorme liberdade no momento fatal. Apenas imaginação ou ilusão? A dúvida permanece: como diferenciar a crença daquilo que pode ser a indicação promissora de um novo tratamento? Só há uma maneira de entender o que realmente está acontecendo. Essa compreensão está relacionada à ação farmacológica ou outra, mas sem dúvida também à dimensão simbólica.

¹⁴ SCLIAR, “Mito ou verdade?”, 2000.

Considerando-se as benfeitorias às Igrejas na perspectiva do **valor ressentido**, não será preciso distingui-las entre imaginárias ou reais para determinar sua validade. Pode-se assegurar que, subjetivamente, o **valor ressentido** dos aportes mágicos ou religiosos antigos é indiscutível, atestado pelo bom senso. Se esses aportes não tivessem funcionado, ajudado, curado, aliviado, certamente não teria havido fiéis durante séculos, tampouco existiriam os gabinetes dos astrólogos, dos curandeiros e dos invocadores.

Deste somatório de teorizações, não há dúvida de que a magia sempre buscou aliviar indivíduos e coletividades das suas frustrações e anseios, para, através do conhecimento dos segredos e das práticas ocultas, satisfazê-los, tentando ir além da realidade que os aflige e compromete suas aspirações na busca de soluções para o caos existente. A estrutura arboriforme das práticas mágicas e as nuances na terminologia e nas designações revelam o quanto as ligações no universo são múltiplas, sutis e relacionadas, como já dizia no século XIII Jean de Meung,¹⁵ para quem o homem compartilha sua existência com as pedras, a vida com a vida das plantas, a sensibilidade com os animais, a inteligência com os anjos. Magos, mágicos, bruxos e feitiçeiros, homens e mulheres, encontram no universo vasto terreno para agir, destruir os equilíbrios duvidosos ou restabelecê-los.

As feitiçeras sabiam muito a respeito do uso de certas plantas, da posição dos astros (princípios populares) e, ao mesmo tempo, serviam-se de conhecimentos médicos reais, quase científicos (saber erudito). Em romântica evocação, é possível verificar os pequenos progressos paralelos que elas trouxeram, mesmo sob suspeita, para as pesquisas realizadas em tempos obscuros. Michelet descreve sua feitiçera ora revoltada e envenenadora, ora aventureira na busca de ervas medicinais, clandestina na madrugada, quando menos temia ser descoberta. No entanto, a crença que se espalhou é a de que todos os achados foram obtidos pelos doutores, os semi-escolásticos, reconhecidos pelas suas roupas, seus dogmas e pela rigidez de seus hábitos. Mas nada encontraram aquelas mulheres ousadas, que caminhavam livres e soltas nas florestas?

As feitiçeras e seu mundo

Rainhas, magas da Pérsia, esplendorosa Circe! sublime Sibila! o que vos ocorreu? que bárbara transformação!... Aquela que do trono do Oriente ensinou as virtudes das plantas e a viagem das estrelas, a que no pedestal de Delfos, radiosa do deus da luz, entregou, de joelhos, seus oráculos ao mundo – mil anos depois, é ela que caçam como um animal selvagem, que perseguem nas encruzilhadas, maldita, maltratada, apedrejada, assentada sobre brasas ardentes!...

MICHELET

Delimitada a significação da magia *lato sensu*, parte-se na busca do entendimento da feitiçaria para se

chegar à feitiçera, termo muitas vezes justaposto à magia, sem qualquer distinção. Mais genérico, embora alguns autores o alternem com bruxaria (bruxa), conforme explicitado anteriormente, a mesma antiga confusão no tratamento da magia se dá para a feitiçaria, que pode ser boa ou condenável conforme os que dela fazem uso e de acordo com seus objetivos. Empregada com propósito criminoso, quando utilizada para curar torna-se quase inocente.¹⁶

As perseguições por feitiçaria remontam ao passado, desde as primeiras civilizações mediterrâneas, quando *as feitiçeras já existiam; dizia-se até mesmo que voavam à noite, como pássaros de caça*,¹⁷ embora por muito tempo tivessem permanecido “suaves” e “contidas”. No mundo greco-romano a feitiçaria ainda não apresentava o caráter diabólico; faltava-lhe ainda algo capital, o Diabo propriamente dito. Mas ele já oferecia todos os atributos característicos dos enfeitiçadores, possuía seus livros, receitas e instrumentos. A pequena feitiçera dos bairros romanos, mesmo sendo apenas pragmática, já manipulava os engrimanços (*grimoires*), com imagens e receitas, procurados simplesmente pelo gosto em colecioná-los ou destruí-los.

As feitiçeras disseminaram-se nos séculos XIII e XIV. Os processos são escandalosos, dominados por componentes políticos, embora o perfil do Diabo ainda não estivesse bem concluído, faltando alguns toques, razão pela qual a feitiçaria permaneceu rara e branda até então. A lenta transformação dessa figura primeira, desde sua origem até o momento em que alguns letrados europeus tiveram a ideia de torná-la correspondente do demônio, pode ser vista numa perspectiva ampla, que abraça a história do Ocidente e alcança o século XVIII, época de seu desaparecimento.

A rigor, dois períodos da história da feitiçaria se sucedem: o de uma retomada da feitiçaria do primeiro tipo, entre os séculos XI e XIII, quando a magia ocidental descobre o grande livro de receitas, o Oriente, que, aos poucos, abre-se para o Ocidente. É quando se expandem os textos gregos traduzidos – entre outros, as *Cyranides* (1168), os livros atribuídos a Hermes, os inumeráveis

¹⁵ Autor da segunda parte do *Roman de la Rose*, redigida por volta de 1236. A primeira parte é atribuída a Guillaume de Lorris.

¹⁶ Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, ao contrapor as práticas mágicas vê dificuldade em diferenciá-las pelas sutis nuances que apresentam. 1991, p. 32-36. A leitura dos caps. 4 e 5 de sua tese de doutoramento, apresentada à USP (*Universo mágico e realidade*, 1980) pode aprofundar o assunto. Luís da Câmara Cascudo considera feitiçaria o nome genérico de todas as práticas mágicas populares e tradicionais, com ou sem cerimônias religiosas, como o *candomblé na Bahia ou a macumba no Rio de Janeiro*. Para ele as influências são numerosas e amalgamadas em séculos de uso e confiança. *Da bruxaria européia, poderosa na Idade Média, dizendo-se possuidora de segredos egípcios e das sibilas romanas, procedem incontáveis processos terapêuticos e mágicos, especialmente amorosos, filtros, benzeduras, orações, ensalmos, com a convergência do cristianismo*. CASCUDO, 1986, p. 324.

¹⁷ BECHTEL, 1997, p. 11.

Secrets, dos quais se acredita ter sido Aristóteles o autor – e as primeiras *Clavículas de Salomão*, manual de comunicação com os espíritos. No segundo período explode o reino do inferno. É o período da feitiçaria satânica, ou do segundo tipo, desenvolvido principalmente entre os séculos XIII e XIV. Nesse momento Lúcifer torna-se príncipe e as heresias maniqueístas espalham uma visão do mundo que coloca em confronto os princípios do bem e do mal.

Na retomada da história da feitiçaria é pertinente relembrar que: a) magia, bruxaria, feitiçaria, superstições em geral e religião misturaram-se sem trégua durante a Idade Média, o Renascimento, até o século XVII; b) na história das fogueiras, em que foram queimadas tantas mulheres, não há distinção clara entre os vários tipos de feitiçaria, mas ambiguidades e grande confusão semântica; c) muitas vezes misturados, imbricados, superpondo-se, apoiando-se e combatendo-se, paganismo, cristianismo, magia, bruxaria, feitiçaria e religião estiveram presentes em todos os tempos.

A sociologia da feiteiceira, instrumento do mal

A mulher é um verdadeiro Diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência de quem o homem deve ficar afastado.

PETRARCA

As definições sobre as especificidades físicas, psicológicas, culturais ou sociológicas apresentadas pelas feiteiceiras são diferentes e polêmicas. Muitos, entre eles a controversa antropóloga inglesa Margaret Murray, consideram-nas pertencentes a uma religião particular, uma raça diferente, pequeninas, cabelos loiros, injustamente perseguidas. Outros, entre eles Robert Muchembled, acentuam as características normais: figuras banais, bem integradas, não marginais, despercebidas no dia-a-dia dos que as rejeitariam conhecendo-as melhor.

Fala-se de “caça às bruxas ou feiteiceiras”, mas não de “caça aos bruxos”. Voltaire já havia registrado a desproporção, a história, o nome e o destino lamentável de grandes figuras de feiteiceiras – Circe, Hécate, Medéia, Joana d’Arc, La Voisin, Tituba, Corriveau – desde a Antiguidade até hoje. Todas eram mulheres, franca maioria entre as vítimas da “caça”. *Para um feiteiceiro, nove feiteiceiras*,¹⁸ triste privilégio, que se explica por muitas razões.¹⁹ A primeira, de ordem biológica, determina que a mulher, mais sensível a diversas influências, mais infeliz do que o homem, nos lares camponeses dos séculos passados sofreu maiores inquietações, penas, dramas e tumultuada sexualidade.

Sacerdotisa de uma religião pagã desaparecida, vidente para alguns, sedutora, logo criminosa, na realidade

a feiteiceira foi vítima das superstições religiosas, dos ódios sociais e de desesperadas revoltas. O feiteiceiro era apenas seu companheiro, que ela muitas vezes denunciava aos juízes e carrascos. Mesmo inocentes com relação às acusações desencadeadas está comprovado pelas cifras que as mulheres predominam. Jovens ou idosas, vivendo nas cidades ou no interior, exercendo ou não atividades fora do lar, seu perfil médio talvez contribua para entender as razões para as acusações. A inexistência de ao menos um feiteiceiro célebre conduz inevitavelmente à pergunta: por que foram elas as mais atingidas?²⁰

Está claro que a tradição e a Igreja desempenharam papel importante na questão. Ao considerar a mulher inferior, lasciva, fraca, mentirosa, ligada às categorias do frio e do úmido, naturalmente ela teria maior afinidade com o demônio e melhor orientação para a feitiçaria. Se assim a Igreja acreditou, assim acreditaram povos e letrados, e até mesmo Michelet, a despeito de ser um dos seus primeiros defensores. Ao examinar os preconceitos contra a mulher, o historiador a entende mais frágil e infeliz, podada pelos homens e pela sociedade, logo responsável pela procura de meios subterrâneos para ajustar suas contas.

Ao pensar na importância da feitiçaria sexual, que emprega muitas vezes em seus ingredientes menstruações ou placenta, fica mais fácil compreender o papel da mulher, que as tradições judaicas dizem impura, e a Igreja, pensando em Eva, considera agente de Satanás. Por ser mais sensível e triste, a ele se entregará com maior facilidade; as perturbações biológicas a farão delirante, pronta a todas as extravagâncias da imaginação; a tortura atingirá seu corpo bem mais rápido. Somente o fogo ou a força virão enfim liberá-la das penas sofridas.

O desenvolvimento de um mental coletivo também fornece resposta à presença avassaladora do sexo feminino no universo mágico. O medo à mulher tem longa tradição,

¹⁸ ALBISTUR e ARMOGATHE, 1977, p. 30.

¹⁹ No século XVII, la Voisin possuía um número muito maior de clientes que seus colegas feiteiceiros ou os padres detentores dos segredos, habituados às confissões. Não há registro de nenhuma figura notável de feiteiceiro na história da feitiçaria, apenas grandes feiteiceiras. *A Célestine* (1499), do espanhol Fernando de Rojas, traduzida em várias línguas, atesta que, por volta de 1500, havia feiteiceiras como as de Atenas, que exerciam comércio de filtros em pequenas oficinas, boticas frequentadas por prostitutas. Mais tarde, a magia da Corte, que atraía ricos astrólogos e magos assalariados no século XVI, funciona mais ou menos da mesma forma. Os poderosos também gostavam de estar cercados por mulheres que supostamente detinham poderes sobrenaturais.

²⁰ Cabe relativizar essa afirmativa por não ser tão evidente em todas as culturas. Se a feitiçaria africana for considerada ou a feitiçaria rural que existe até hoje em alguns países, conforme relata Jeanne Favret-Saada, em *Les mots, la mort, les sorts*, a tarefa essencial de um feiteiceiro é a de ser suficientemente forte para impor seus sortilégios ou, na versão defensiva, para fazer retornar os feitiços aos inimigos. Esta tarefa era realizada predominantemente por homens, bem ao contrário do que se viu nos séculos XVI e XVII, quando os feiteiceiros homens foram definidos como fracos. Os números pelas suas proporções são eloquentes: as mulheres tornaram-se vítimas majoritárias de imputação por feitiçaria, representando 4/5 dos acusados, em alguns momentos e lugares atingindo a porcentagem de até 95% dos sacrificados. Esse dado é consequência da abrangente difusão do *portrait-robot*, estereótipo da feiteiceira maléfica. FAVRET-SAADA, 1977.

remonta aos hebraicos e à Antiguidade clássica. Para os gregos, foi Pandora, o presente enviado por Zeus a Epimeteu, a responsável pela introdução de todos os males do mundo.²¹ A tradição cristã incorporou mais tarde as tradições do judaísmo e da civilização greco-romana, intensificando-as, sobretudo com relação às suspeitas e aos preconceitos frente às relações sexuais. Os primeiros padres da Igreja relacionavam a mulher ao portão por onde entrava Satanás, *Janua diaboli*, epíteto patrístico para designar a herdeira de Eva. Para a *Soma Teológica*, quando fala do fenômeno das gerações, é o homem quem desempenha um papel positivo; sua parceira é apenas receptáculo. Não existe verdadeiramente mais que um sexo, o masculino. De acordo com a *Soma*, a fêmea é um macho deficiente. Assim, não é surpreendente que este débil ser, marcado pela *imbecillitas* de sua natureza ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob tutela.

Ciente de que uma mulher quando pensa sozinha pensa o mal, São Tomás de Aquino sistematiza e confere indiscutível autoridade à idéia de imperfeição do feminino. Mais tarde, no *Canon Episcopi* (século IX), as relações entre a fraqueza feminina e sua ligação com o sobrenatural são reforçadas. Mas será o *Malleus maleficarum* que deixará a herança do maior antifeminismo. Seus autores, implacáveis detratores da mulher, evocam outro santo, São Bernardo, para desfigurá-la ainda mais: *seu rosto é como vento cáustico e a sua voz como o silvo das serpentes: lançam conjuros perversos sobre um número incontável de homens e de animais*. Mais ainda, toda a feitiçaria tem origem na *cobiça carnal, insaciável nas mulheres*,²² deformadas desde sua formação (oriunda de uma costela curva do homem). Essa imagem sob *suspicio* atravessou os séculos e influenciou certamente os juízes do Renascimento, que a julgaram impiedosamente.

Pelo seu papel no seio da família, controle da alimentação, cuidados para com as crianças e doentes, teoricamente a mulher poderia fazer o mal, envenenar com maior facilidade do que aqueles que trabalhavam fora.²³ Entretanto, para alguns autores, a prática da feitiçaria é incompatível com os deveres da vida familiar. A atividade não se restringe apenas a um conhecimento técnico; a total disponibilidade que a feitiçaria requer – modo de vida ascético, exigência de rituais no meio da noite ou na aurora, permanente ameaça de doença grave ou morte – casa mal com as obrigações de mãe, do que é poupado o grande número de feiticeiras solteiras, viúvas ou sem filhos.

Quanto à idade, não se comprova nenhuma regularidade entre as feiticeiras condenadas. Se a jovem fazia parte do imaginário – afinal era preciso que a confidente do demônio fosse dotada de um mínimo de sedução para que pudesse perverter os homens – essa beleza, mesmo que comprovada em algumas gravuras,²⁴ contradiz a representação clássica, que perdura até hoje e que a identifica ao *portrait-robot*

no período da grande caça: uma vítima idosa e horrorosa, afirmativa na maioria das vezes reforçada pelas estatísticas e exemplos.²⁵ De fato, as mulheres mais velhas eram as mais culpabilizadas, mais perigosas, maior alvo do ódio coletivo, provavelmente pela correspondência ao estereótipo dominante. Os estereótipos antifemininos foram severos até o século XVII. A mulher metia medo. Sua fisiologia era mal conhecida dos médicos; os teólogos a julgavam um ser inconstante, que precisava ser controlado. Sob a tutela do pai, e a seguir do marido, do ponto de vista jurídico ela só veio adquirir uma relativa autonomia com a viuvez. Se as amigas do Diabo deveriam ser feias e idosas (mas habilidosas nos jogos do amor, logo mais aptas a enfeitiçar os homens...), em contrapartida, por serem mais maduras, já meio “murchas”, suas chances de abandono eram maiores.

Do ponto de vista psicológico, intelectual e médico a sorte das mulheres não foi melhor. Apresentadas como imbecis, eram aconselhadas a contratar um advogado, já que não tinham a menor capacidade para a própria defesa. Para Montaigne,²⁶ essas infelizes eram vítimas de ilusões de demônios porque sua mente tão obscura as impedia de perceberem suas rusgas. De Lancre²⁷ estava certo de que Satã recrutava principalmente *os espíritos estúpidos, pendendo para o rústico*, sobretudo as débeis mentais. Já no que tange à compreensão das coisas espirituais, as mulheres pareciam ser de uma natureza diferente da masculina. Nessa premissa estendem-se Kramer e Sprenger, em uma série de citações das Escrituras e de autoria das autoridades cristãs, com o intuito de provar que as mulheres, em intelecto, eram iguais às crianças, incapazes de compreender filosofia.

Essa ideia prevalece por séculos. O que se relacionava com a magia ou a feitiçaria foi visto como delírio de pessoas retardadas. Nesta linha de pensamento, as

²¹ Epimeteu esquece o conselho de *jamais receber um presente de Zeus, se desejasse livrar os homens de uma desgraça*. A raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças. Quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu o jarro de larga tampa, que trouxera do Olimpo como presente de núpcias a Epimeteu, dela saíram todas as calamidades que até hoje atormentam os homens. Cf. BRANDÃO, 1996, p. 234-235.

²² KRAMER e SPRENGER, 1997, p. 121.

²³ ARIÈS, 1981.

²⁴ Alude-se aqui à bela feitiçeira representada por Platzi (*La sorcière*), na cobertura da obra de Michelet. Trata-se de pintura da arte flamenga do século XV, que a retrata preparando um filtro. Entre as feias, mais numerosas, encontram-se as feiticeiras de Goya, Bosch e Füssli; *La méchante femme*, de I. Van Meckenem, *Les Sorcières*, de Hans Baldung Grien, nos séculos XV e XVI; *Les Sorcières*, de Leonor Fini, e “A bruxa” de Albrecht Dürer, entre tantas outras. A presença da feitiçeira nas artes em geral é altamente esclarecedora da representação de um estado mental coletivo.

²⁵ BECHTEL, 1997, p. 579.

²⁶ *Les Essais*, capítulo XI.

²⁷ O demonólogo e jurista Pierre de Lancre (1553-1631), autor de *Traité de l'inconstance des mauvais anges et démons* (1612), contrastava por sua elegância sádica (era considerado fino, distinto, tocava flauta e dançava, além de ser helenista, mundano, delicado e marido da sobrinha de Montaigne), com a brutalidade e o racismo que provou em suas narrativas demonológicas, que o levaram a ser chamado de “carrasco do país basco”. BECHTEL, 1997, p. 312, 331 e 334.

imagens do sabá correspondem a crises alucinatórias causadas por enfermidades mentais.²⁸ É impossível negar que, em todas as épocas, a Igreja condenou a inferioridade, a sensualidade, as pretensões espirituais abusivas e o lado diabólico inato do segundo sexo. Aos seus olhos, se quisesse resgatar seu pecado original, a mulher honesta deveria ser invisível e modesta na sociedade, pronta ao sacrifício, indiferente aos atrativos da moda e intelectualmente insignificante.

Mesmo sem serem mais diferentes do que as outras, do ponto de vista físico as culpadas por feitiçaria apresentavam sempre alguma anomalia, além da feiúra nem sempre evidenciada. Tão logo as manchas demarcadoras e as excrescências fossem assinaladas, confirmavam-se as suspeitas dos juízes. Margaret Murray, além de sustentar que as feiticeiras no início dos tempos modernos eram mulheres agrupadas em sociedades secretas, que adoravam os deuses da fertilidade, como ocorrera na Antiguidade, assegura que as marcas diabólicas eram tatuagens ou signos de iniciação, servindo ao reconhecimento das filiadas da seita.²⁹

O “sistema de marcação”, notadamente vestimentária – já utilizado nos judeus e leprosos, aplicado aos soldados romanos, escravos e em alguns delinquentes –, entre as feiticeiras, significa submissão completa, física e espiritual ao Diabo, seu mestre. Segundo De Lancre, “ele” impunha o *stigma diaboli* em sua vítima com um alfinete ou as próprias unhas. Já para Reginald Scott, o demonólogo inglês, autor de *Discovery of witchcraft*, Satã mordida a vítima. Na verdade, a forma da marca variava de uma verruga a uma cicatriz, algumas vezes um ponto invisível, mas sempre dotado de in/sensibilidade especial. Uma das três únicas provas que garantiam a feitiçaria (com o testemunho da presença no sabá e a confissão), a marca deveria ser procurada com prioridade pelos inquisidores.

Difícil de acreditar, essa tese não explica por que as marcas eram insensíveis. Se as feiticeiras eram mulheres histórico-epilépticas, conforme será sustentado mais tarde, não é surpreendente que apresentassem pontos de sensibilidade. Nem falso, nem demonstrado, este pressuposto induz à pergunta: o fenômeno da feitiçaria – que perdurou por séculos – pode ser considerado uma simples doença mental? Que outras explicações podem

ser fornecidas? Quanto aos *stigmae*, certamente reais, eram sempre as mulheres mais velhas que recebiam um maior número dessas “marcas do Diabo”... Mas qual o corpo, sobretudo a partir de uma certa idade, que não apresenta as rugas da vida? Manchas, sardas, verrugas, calosidades, cicatrizes?

É curioso que os mesmos autores que propõem a revolta feminina contra a misoginia medieval originária da feitiçaria se utilizem de teorias pseudopsicológicas, ou argumentos de ordem biológica, para afirmar que as mulheres, supostas feiticeiras, apresentam uma tendência física que as predis põe mais do que os homens ao fantástico, ao sobrenatural e as transforma em seres delirantes. Essas argumentações não estariam configurando um antifeminismo mascarado por uma pretensa defesa do elemento feminino, que, por sua “fragilidade natural”, não deveria ser punido, mas protegido?

Conhecedora desde a Antiguidade de segredos mágicos, a mulher converte-se em artesã demoníaca, já que o mundo que a circunda não admite outra magia que não a maléfica. Os laboratórios de feitiçaria representam, no imaginário coletivo, arsenais de amor e lubricidade, repletos de importantes substâncias e de simbolismos sexuais destinados a satisfazer os desejos e os apetites eróticos reprimidos e proibidos. A feiticeira (ou a bruxa) representa a intermediária entre a amarga realidade e o mundo do prazer, fornecendo à coletividade os meios mágicos – passaporte de ingresso – que muitas vezes no entanto, ela é forçada a temer e a rejeitar.

Mais do que isso, a figura da feiticeira (ou bruxa) passa, não raras vezes, a ser protagonista de narrativas, tanto no campo da história, quanto da literatura, que vão referendar, num primeiro momento, os estereótipos concebidos ao longo do tempo; num segundo momento, contudo, esses estereótipos são objeto de contestação e desconstrução no âmbito dos discursos histórico e ficcional da contemporaneidade, fato que aponta para a presença de confluências significativas entre as duas modalidades discursivas referidas.

Referências

- BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957 (Coll. Points).
- BARTHES, R. La sorcière. In: *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964.
- BARTHES, R. Le discours de l’histoire. *Poétique*, Paris, Seuil, n. 49, 1982.
- BARTHES, R. *Michelet*. Paris: Seuil, 1988.
- BECHTEL, G. *La sorcière et l’Occident*. Paris: Plon, 1997.
- BECHTEL, G. *Les quatre femmes de dieu: la putain, la sorcière, la sainte et la Bécassine*. Paris: Plon, 2000.
- BYINGTON, C. E. Prefácio. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus maleficarum: o martelo das feiticeiras*. 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

²⁸ BECHTEL, 2000, p.215.

²⁹ Esse sistema foi propalado nos séculos XVI e XVII pelos novos especialistas do demônio: Boguet, Del Rio, Binsfeld, entre outros. Reconhecida pela insensibilidade, a “marca”, também chamada de *punctum diabolicum*, *spatula*, *sigillum diaboli*, *stigma diaboli*, figura em geral do lado esquerdo do corpo, em lugares escondidos (o interior da boca ou do sexo). Sobre o *stigma* ver: Pierre De Lancre, *Tableau de l’inconstance des mauvais anges et démons*, 1982, p. 195; J. Fontaine, *Des marques de sorciers et de réelle possession que le diable prend sur le corps des hommes*, Lyon, 1611; François Delpech, “La marque des sorciers: logique(s) de la stigmatisation diabolique”, in JACQUES-CHAQUIN e PRÉAUD, 1993, p. 447-368.

- CASCUDO, L.C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1954.
- ELIADE, M. *Le chamanisme et les techniques archaïques de l'extase*. Paris: Payot, 1951.
- ELIADE, M. *Occultisme, sorcellerie et modes culturelles*. Paris: Gallimard, 1978.
- ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIADE, M. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1997.
- FAIVRE, Antoine, *Accès de l'ésotérisme occidental*. Paris: Gallimard, 1996. 2 v.
- FAVRET-SAADA, J. *Les mots, la mort, les sorts*. Paris: Gallimard, 1977.
- FERNANDES, R.C. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- FEBVRE, L. *Combats pour la histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.
- FRANCHE, D. Michelet, le devin et la sorcière. *Les temps modernes*, n. 588, p.197-212, juin-juil. 1996.
- FÜSSLER, MacBeth and the witches. Disponível em: <<http://www.metalab.unc.edu/witches.jpg>> Acesso em: 7 maio 2000.
- GABORIT, L. As feitiçarias. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.
- GABOURY, E. Enquête sur le monde des sorcières. *Recherches féministes*, Québec, Université Laval (Gremf), v. 3, n. 3, 1990.
- GABOURY, E. Ou, a défaut, invente: la sorcellerie neopaienne comme lieu d'épanouissement du processus créateur gynocentrique. In: VEILLETTE, D. (dir.) *Femmes et religions. Études sur les femmes et les religions/Studies in women and religion*. Corporation Canadienne for Studies in Religion. Les Presses de l'Université Laval, n. 1, 1995.
- HANCIAU, Nubia. *A feitiçeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.
- JACQUES-CHAQUIN, N. La sorcière et le pouvoir. Essai sur les composantes imaginaires et juridiques de la figure de la sorcière. *Les cahiers de Fontenay. La sorcellerie*. E.N.S Fontenay/Saint-Cloud, p. 28, Sept. 1978.
- JACQUES-CHAQUIN, N.; PRÉAUD, M. *Le sabbat des sorcières, XV^e-XVIII^e siècles*. Grenoble, 1993.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Le marteau des sorcières*. Grenoble: Jérôme Millon, 1990.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. *Malleus maleficarum: o martelo das feitiçarias*. Trad. de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LE GOFF, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MICHELET, J. *La sorcière*. Paris: GF-Flammarion, 1966.
- MONTAIGNE, M. *Les essais*. Livre III. Paris: Jean Gillequin, [s.d.].
- NOGUEIRA, C.R. *O Diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- NOGUEIRA, C.R. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente Cristão*. São Paulo: Ática, 1991.
- O QUE É BRUXARIA? Disponível em: <http://orbita.starmedia.com/~bruxa_solta/bruxaria.htm> Acesso em: 7 abr. 2000.
- PALOU, J. *La sorcellerie*. Paris: PUF, 1995.
- PALOU, J. *La sorcière et l'Occident*. 1997.
- RIFFARD, Pierre. *Diccionario del esoterismo*. Madrid: Alianza, 1987.
- SALLMANN, J.-M. *Les sorcières, fiancées de Satan*. Paris: Gallimard, 1987.
- SCLIAR, M. A memória purificada. *Zero Hora*, 14 mar. 2000, p. 15.
- SCLIAR, M. Mito ou verdade? *Zero Hora*, 30 set. 2000. Caderno Vida, p. 2.
- SOUZA, L. M. e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TREVOR-ROPER, H.R. *De la Réforme aux Lumières*. Paris: Gallimard, 1972.

Recebido: 25.10.2009

Aprovado: 10.11.2009

Contato: <nubiah@mikrus.com.br>